

TRADUÇÃO DE IVO BARROSO

**HERMANN  
HESSE  
O LOBO DA  
ESTEPE**

47ª EDIÇÃO



**EDITOR A RECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

## Prefácio do tradutor

Escrito em 1927, *O Lobo da Estepe* já desafiou, incólume, o gosto e as tendências de várias gerações e, agora adentra o terceiro milênio na certeza de que continuará a despertar a atenção de novos e mais céticos leitores. Porque este é um livro que não se lê inocuamente, por mera distração ou para se estar em dia com os sucessos do momento. É um livro que mexe, que altera, que subverte a estrutura psíquica do leitor e se coloca além do tempo e de suas influências por se ter transformado num clássico. Por isso, mesmo aqueles que já o leram em outras fases da vida encontram na releitura uma nova satisfação, descobrem nas sutilezas de sua trama, na profundidade de suas cogitações, no intrincado de sua simbologia, outras revelações que a experiência ou a apuração da sensibilidade literária lhes fará reconhecer.

É curioso notar que Hesse apresenta, no livro, três versões de seu personagem: a primeira, um suposto prefácio do editor, que na figura do sobrinho da senhoria do Lobo da Estepe relata o breve conhecimento que teve do hóspede. É a narrativa típica de um burguês que vê com estranheza a proximidade de um indivíduo singular, de hábitos conflitantes com os seus, os quais julga os únicos apropriados ao ser humano. A segunda é a narrativa do próprio personagem, Harry Haller, cujo nome

aliterativo já é uma insinuação de ser ele o *alter ego* do escritor. Na verdade, grandes partes da narrativa, em especial a evocação da juventude de Haller, são de cunho autobiográfico. Ademais, a propensão de Harry para viver em ambientes burgueses, embora abomine e vergaste a burguesia, torna seu perfil bastante próximo da idealização que dele faz o sobrinho da locadora. E a terceira, atribuída ao desconhecido autor do panfleto *Tratado do Lobo da Estepe*, que o personagem recebe de um propagandista ambulante, é vazada numa linguagem próxima do jargão psicanalítico e contém o estudo do comportamento de um “lobo da estepe”, que é o retrato em corpo e alma inteiros dele mesmo.

Esse sistema tríplice de exposição vai se repetir nos outros personagens — Hermínia, Maria e Pablo —, que são desdobramentos da personalidade de Harry. A primeira, de forma insistente, afirma ser “o espelho de Harry”, e o modo quase magisterial com que se expressa convém muito mais à formação cultural deste do que a uma garota de programa, que é a atividade dela. Hermínia chega mesmo, em determinado ponto da narrativa, a verbalizar a teoria de Ludwig Klages de que o corpo e a alma eram unos a princípio, até serem separados pelo intelecto, que se identifica com a serpente paradisíaca, portanto, com o demônio, o que constitui uma das teses preferidas do Lobo. Se Hermínia é o componente feminino de Haller a partir do próprio nome (Hermann-Hermínia), Maria por sua vez é apenas o corpo que se entrega, a parte “disponível” de Hermínia, pois esta se recusa a unir-se com Haller e deseja ser “morta” por ele. Já Pablo é sua versão masculina, aquele que gostaria de ser, e por isso suas referências guardam necessariamente um caráter homossexual, masturbatório, ou seja, o ser copulando consigo mesmo. Todos esses personagens vão se encontrar no Teatro Mágico, uma espécie de eufemismo para o uso de drogas.

Tudo isso poderia levar o leitor a ver no livro uma dessas narrativas simbólicas, que necessitam de decodificação psicanalítica para seu melhor entendimento. Mas, na verdade, não chega a ser bem ou só isso. O cerne do livro é, sem dúvida, o conflito entre os impulsos naturais do ser e as contenções espirituais de sua contraparte. Mas, com pouco, o autor reconhece que a dualidade homem-lobo é por demais simplificadora, que dentro de cada ser há centenas, milhares de outros seres, enfim, que a personalidade humana está sujeita a uma infinidade de atitudes, que encerra toda espécie de labirintos.

A partir desse núcleo, pode-se dizer que o livro é um breviário de reeducação moral, de dismantelamento de uma vida voltada para o ascetismo e sujeita a todo tipo de contenções, uma indução a que o personagem realize os impulsos que nele permaneciam sufocados. Quem conhece a juventude devota de Hesse — destinado por seus pais missionários à carreira eclesiástica; sua passagem por muitos seminários, donde foge finalmente para tentar vida autônoma na Suíça, como aprendiz de relojoeiro e caixeiro de livraria — percebe logo que o escritor fez da necessidade de “libertar” outros seres retraídos, semelhantes a ele, uma bandeira, um programa de vida literária, mediante a apresentação de paralelos que são capazes de reconciliar as partes antagônicas da personalidade. Não se esqueça de que Hesse, por essa época, tinha uma esposa em crise psiquiátrica e ele próprio se consultava em Luzerna com o Dr. J. Lange, discípulo de Jung.

A esse propósito, é admirável aquele momento do Teatro Mágico em que Haller (e conseqüentemente Hesse) recorda sua timidez diante da primeira namorada, a quem não ousa dizer as palavras que lhe teriam aberto as portas da plenitude. A possibilidade de revisão do passado, de passar a vida a limpo,

que lhe oferece o Teatro Mágico, encerra a lição de que é preciso vencer as inibições mediante a coragem de agir. Hesse pratica aí uma espécie de surrealismo *avant la lettre*, fazendo a existência prevalecer à essência, como na famosa proposição de Sartre. No fim, percebe-se que o Lobo da Estepe, sem abrir mão de seu refinamento, de seu elitismo, de sua sublimação musical, quer e pode igualmente participar do mundo dos comuns e nele reconhecer alegrias que, outrora, lhe pareciam vedadas ou indignas. *O Lobo da Estepe* é, pois, um *Bildungsroman* goethiano em sentido contrário, em que se cruzam temas de Hoffmann, Nietzsche, Freud e Dostoiévski.

O livro tem sua parte, por assim dizer, politicamente correta: o personagem é antibelicista (de maneira quase agressiva), ecológico (a ponto de querer arrancar os edifícios para dar lugar a antigos parques e jardins); condena a sociedade capitalista (que gostaria de ver afogada para sempre). Mas tem também suas derrapadas e incongruências: a maneira como descreve Pablo, embora cheia de insinuações, tem algo de racista quando fala em seus “olhos de mestiço” (*Kreolenaugen* em alemão); a insistência na divisão elitista da sociedade entre homens “diferentes” (intelectualmente bem-dotados) e homens comuns (a massa ignara). Mas são incontestavelmente válidas sua condenação da guerra e sua análise do nacional-socialismo que então tomava corpo na Alemanha. Outra das cenas singulares que ocorrem no Teatro Mágico (cujo sucedâneo hoje seriam os jogos virtuais) é, sem dúvida, a “caçada automobilística” em que Haller e seu ex-colega de escola Gustav se postam no belvedere de uma estrada para disparar contra todos os carros que aparecem. Gustav expõe sua teoria de que a guerra serve para equilibrar a proliferação humana e diz que tanto faz abater os carros que venham numa ou noutra direção,

querendo Hesse com isso talvez significar que a guerra é uma insanidade sob qualquer ponto de vista. Ao mesmo tempo, Haller, veemente condenador da ação guerreira sob todas as suas formas, experimenta um estranho prazer em destroçar os veículos que surgem. Hesse terá provavelmente pretendido demonstrar com essa espécie de parábola que mesmo os seres ditos racionais podem se entregar à carnificina dependendo das circunstâncias em que se encontrem. Quando surge um transeunte que nada tem a ver com a existência ou a destruição dos carros, Haller pergunta a Gustav: “Você gostaria de atirar contra aquele homem e lhe fazer um buraco na nuca? Por Deus que eu não conseguiria.” Ao que o amigo retruca: “Isso porque não te ordenaram”, podendo isso significar que até mesmo os bem-pensantes são capazes de violência e terror quando açulados por um *Führer*.

É claro que um livro como este tenha levantado protestos tanto da direita quanto da esquerda. O próprio Hesse, quando de sua publicação, reclamava que “a burguesia rejeitava o livro por ser impiedoso e desordenado, e os socialistas porque o achavam irremediavelmente individualista (ou seja, demasiadamente ‘burguês’, segundo eles)”. Embora o livro seja tudo isso ao mesmo tempo, ele se coloca num lugar à parte graças à luminosidade de seu estilo, ao poderoso arsenal léxico de suas construções elaboradas, e mesmo à sua poesia, que, longe de nos darem a sensação de artificialismo, nos transmitem uma emoção de coisa vívida e vivida, de pulsação, de energia, de clarividência. Além disso, nunca se poderá esquecer que ele representou extraordinário avanço sobre a linguagem da época, com sua temática ousada, em que há referências explícitas ao uso de drogas e a comportamentos eróticos e homossexuais pouco frequentes nas obras sérias de então.

Por este e outros motivos foi que, ao ser atribuído a Hesse o Prêmio Nobel de Literatura de 1946, Anders Österling, secretário da Academia desde 1941, entusiasmado defensor dessa candidatura proposta por Thomas Mann, teve de recuar de seu propósito de condecorar “obras cujo estilo apresentasse audácias inovadoras” para atribuí-lo unicamente à poesia de Hesse, em que o melódico se funde numa vaga espiritualidade simbolista. Österling, que escrevera um vigoroso prefácio para a edição sueca de *O Lobo da Estepe* em 1932, só conseguiu convencer seus pares a conceder a láurea a Hermann Hesse calando sobre os extraordinários impactos demolidores do escritor. Diante desses equívocos, o próprio Hesse achou conveniente escrever um posfácio ao livro, em que ressalta que “a história do Lobo da Estepe é, sem dúvida alguma, de sofrimentos e necessidades, mas mesmo assim não é um livro de um homem em desespero, mas o de um homem que crê. Embora trate de enfermidade e crise, não conduz à destruição e à morte, mas, ao contrário, à redenção”.

*Ivo Barroso*

## Prefácio

Este livro contém as anotações que nos foram deixadas daquele a quem chamávamos, para usar uma expressão de que ele próprio usualmente se valia, o Lobo da Estepe. Questiona-se se este manuscrito necessita ou não de um prefácio; seja como for, de minha parte julgo imperioso acrescentar, às do Lobo da Estepe, algumas páginas em que procurarei plasmar as recordações que me ficaram de sua pessoa. Bem pouco é o que sei a seu respeito, sendo-me particularmente desconhecidos seu passado e sua origem: conservo, entretanto, de sua personalidade uma forte impressão e — cumpro-me declará-lo — bastante simpática, apesar de tudo.

O Lobo da Estepe era um homem de cerca de 50 anos que, certa vez, faz algum tempo, apareceu em casa de minha tia à procura de um quarto mobiliado para alugar. Interessou-se por um cômodo no andar superior, bem como por um dormitório contíguo. Voltou dias depois, trazendo duas malas e uma grande caixa com livros, e morou conosco durante cerca de nove ou dez meses. Vivia muito sossegado e para si. Não fosse a proximidade de nossos dormitórios nos proporcionar ocasionais encontros na escada e no corredor, e não nos teríamos conhecido, pois o homem era de fato insociável. E insociável a tal ponto que

assim, estou para dizer, eu jamais observara em quem quer que fosse. Era realmente um Lobo da Estepe, conforme ele próprio, às vezes, costumava chamar-se: um ser estranho, selvagem e, ao mesmo tempo, tímido, muito tímido mesmo, pertencente a um mundo bem diverso do meu.

Embora antes, graças aos nossos frequentes encontros, eu já lobrigasse algum conhecimento sobre sua maneira de ser, foi só após inferi-lo dos escritos aqui deixados que vim a saber do profundo isolamento em que ele mergulhara, seguindo uma tendência natural e fatalística, que o levava a considerar conscientemente tal isolamento como uma imposição de seu destino. Creio mesmo que o retrato que dele formei, em função de seus escritos, seja, na essência, bem semelhante àquele (embora mais difuso e sem precisão de detalhes) que me ficou de nosso trato pessoal.

Por casualidade, eu me encontrava presente no momento em que o Lobo da Estepe entrou pela primeira vez em casa de minha tia e com esta contratou o aluguel do apartamento. Chegou exatamente à hora do almoço; os pratos ainda estavam sobre a mesa e eu dispunha de algum tempo livre antes de ter que regressar ao escritório. Não posso esquecer a estranha impressão que me causou nesse primeiro encontro. Fez soar a campainha e avançou pela porta de vidro da entrada, em cuja semiescuridão minha tia foi perguntar-lhe o que desejava. Mas, antes de dar uma resposta ou dizer o nome, ele, o Lobo da Estepe, ergueu a cabeça afilada e de cabelos curtos, farejou avidamente o ar, exclamando: “Hum! Que cheiro bom aqui!” Riu em seguida, e minha boa tia riu também, mas eu achei cômica aquela forma de apresentação, sentindo-me algo indisposto contra ele.

— Vim ver o quarto que a senhora tem para alugar — disse.

Foi só quando subimos os três pela escada ao andar superior que pude observá-lo com atenção: não era muito alto, mas tinha o andar e a postura de cabeça das pessoas espigadas; vestia um sobretudo de inverno, de talhe moderno e cômodo, e, quanto ao mais, estava decentemente vestido, embora com certo desalinho; o rosto bem barbeado e os cabelos curtos, nos quais se viam aqui e ali mechas grisalhas. A princípio, não me agradou nada seu modo de andar; tinha algo de pesado e inseguro que não se harmonizava com o perfil sisudo e enérgico nem com o tom e o teor de sua conversação. Somente mais tarde é que eu soube estar enfermo e que o caminhar lhe resultava incômodo. Com um sorriso muito introspectivo, que naquela ocasião também me pareceu desagradável, examinou a escada, as paredes, as janelas e os altos e velhos armários dos vãos: tudo ali parecia agradar-lhe e, ao mesmo tempo, dava a impressão de achar tudo ridículo. De um modo geral, deu-nos a ideia de alguém que tivesse chegado de um mundo estranho, talvez de países de além-mar, e encontrasse aqui tudo perfeitamente agradável, mas ao mesmo tempo um tanto cômico. Era, não se pode negar, cortês e até mesmo amável; aceitou logo e sem objeções a casa, o quarto, o preço do aluguel e do café da manhã, mas mesmo assim havia, pelo menos me pareceu, uma atmosfera estranha de hostilidade e desagrado em torno daquele homem. Alugou a saleta e também o dormitório, procurou ficar a par de tudo que dizia respeito à calefação, água, serviços e os hábitos da casa; ouviu tudo atentamente e com muita amabilidade, mostrando-se de acordo com tudo. Em seguida, ofereceu também um pagamento antecipado sobre o aluguel, embora me parecesse não estar de acordo com absolutamente nada daquilo. Parecia estar achando-se ridículo em suas atitudes e querer levar tudo na brincadeira, como se fosse algo de extraordinário e novo

alugar um quarto e conversar normalmente em alemão, estando, no íntimo, ocupado com outras coisas bem diversas daquelas.

De certo modo, esta foi minha impressão, que teria sido ainda pior se não a corrigissem e delineassem as expressões de seu rosto, pois foi sobretudo a face daquele homem o que nele me agradou desde o princípio. Apesar daquela impressão de estranheza, sua fisionomia me agradou. Era, de certa forma, peculiar e triste, mas ao mesmo tempo astuta, inteligente, fatigada e espiritual. Ocorre que, para dispor-me mais facilmente à reconciliação, havia em sua cortesia e amabilidade — embora parecessem resultado de algum esforço — uma total ausência de orgulho; ao contrário mesmo, havia nelas algo de comovente, de quase suplicante, para o que só mais tarde encontrei explicação, mas que desde logo me predispôs a seu favor.

Antes que terminasse a inspeção dos cômodos e de levar a cabo o trato, já o meu tempo de almoço se havia esgotado e eu devia regressar ao trabalho. Despedi-me e deixei-o com minha tia. Quando voltei à noitinha a casa, disse-me ela que o senhor havia finalmente alugado o quarto e que para lá se mudaria dentro em breve, tendo-lhe pedido, contudo, que não comunicasse sua entrada à polícia, pois a um homem doente como ele seriam incômodas essas formalidades e andanças pelas delegacias e tudo mais.

Lembro-me perfeitamente da admiração que tal fato me causou e de como recriminei minha tia por ter concordado com tal exigência. Esse temor à polícia era compatível demais com seu ar esquisitão e pouco amistoso para não me despertar suspeitas. Fiz ver à minha tia que concordar com aquele pedido pessoal poderia, em tais circunstâncias, acarretar-lhe sérios aborrecimentos, e que, portanto, não devia em hipótese alguma

consentir. Mas fiquei logo sabendo que ela prometera satisfazer-lhe o desejo e que havia, além disso, deixado fascinar-se pelo singular personagem. Na verdade, para com todos os hóspedes, acabava por demonstrar sentimentos humanos, amistosos, de tia, e muitas vezes maternais, coisa de que alguns souberam aproveitar-se bem. E logo nas primeiras semanas ficou patente que, enquanto eu tinha muito a reprovar no novo inquilino, minha tia cada vez mais o colocava sob sua calorosa proteção.

Como não me agradasse o fato de não se ter feito comunicação alguma à polícia, quis inteirar-me pelo menos do quanto minha tia indagara acerca do estranho, de sua origem e de suas pretensões. Já era algo que sabia, embora o homem pouco demorasse após minha saída. Disse-lhe que pretendia ficar na cidade alguns meses, frequentar a biblioteca e visitar os monumentos notáveis.

Minha tia não se mostrou satisfeita ao saber que a locação se faria por tão curto prazo, mas evidentemente ele já a havia conquistado, a despeito de sua singular apresentação. Em suma, os quartos já estavam alugados e minhas advertências haviam chegado tarde.

— Por que achou bom o cheiro daqui? — perguntei.

Ao que minha tia, que às vezes tinha bons pressentimentos, respondeu:

— Sei perfeitamente por quê. Nossa casa cheira a limpeza, a ordem, a uma vida amistosa e decente, e isso lhe agradou muito. Parece que fazia muito tempo não sentia isso e já estava lhe fazendo falta.

Mais uma razão, pensei comigo.

— Mas — perguntei — se ele não está acostumado a uma vida ordenada e decente, que poderá acontecer? Que fará a senhora se ele não for asseado e emporcalhar tudo, ou se voltar para casa todas as noites bêbado?

— Isso veremos — retrucou ela, e eu deixei o caso morrer por aí.

Meus receios, na verdade, não tinham fundamento. O inquieto, embora não levasse de modo algum vida ordenada e racional, nunca nos molestou nem prejudicou em nada, e até hoje nos lembramos dele com prazer. Mas intimamente, na alma, esse homem nos perturbou e prejudicou, tanto à minha tia quanto a mim, e, a bem dizer, até hoje ainda não consegui me libertar dele. Às vezes, ainda sonho com ele, e sinto-me profundamente perturbado e inquieto por sua causa e pela simples existência de um ser assim, embora tenha vindo a sentir por ele um verdadeiro afeto.

Dois dias depois um carregador chegou trazendo as bagagens do estranho, que se chamava Harry Haller. Uma bela maleta de couro causou-me ótima impressão, e a outra mala grande, de cabine, deixava entrever longas viagens, pois estava recoberta de etiquetas coloridas de hotéis e agências de viagens de vários países, inclusive de ultramar.

Logo depois apareceu o próprio, e então principiou o tempo em que fui conhecendo aos poucos esse homem extraordinário. Inicialmente, de minha parte, nada fiz para isso. Embora tivesse me interessado por Haller desde o primeiro instante em que o vi, não tomei nas primeiras semanas qualquer iniciativa de me aproximar dele ou com ele travar conversação. Em vez disso, devo confessá-lo, a verdade é que desde o princípio passei a observar um pouco o indivíduo, e até mesmo, durante sua ausência, invadi seu quarto e, por natural curiosidade, me dediquei a espionar.

Sobre o aspecto exterior do Lobo da Estepe já disse alguma coisa. Desde o primeiro momento dava a impressão de ser um

homem importante e bem-dotado; sua fisionomia era toda espiritual e o jogo extraordinariamente delicado de suas expressões faciais denotava uma vida anímica interessante, bastante intensa, delicada e sensível.

Quando se falava com ele e, o que não era habitual, ele se deixava ir além dos limites do convencional e dizia coisas pessoais e singulares, então a palestra passava imediatamente a subordinar-se a ele, uma vez que havia pensado mais do que os outros homens e tinha nas questões espirituais aquela quase fria objetividade, aquela segurança de pensar e de saber que só possuem os homens verdadeiramente espirituais, que carecem de toda ambição, que nunca desejam brilhar nem persuadir aos demais nem arvorar-se em donos da verdade.

Lembro-me, já nos últimos tempos de sua estada conosco, de um conceito dessa natureza, que nem chegou a ser mesmo um conceito, mas antes unicamente um olhar. Foi quando um célebre historiador e crítico de arte, de renome europeu, anunciou uma conferência na universidade local e logrei persuadir o Lobo da Estepe a que fosse assistir a ela, embora não me demonstrasse nenhum prazer em ir. Fomos juntos e nos sentamos um ao lado do outro no auditório. Quando o orador subiu à tribuna e começou a elocução, decepcionou, pela maneira presumida e frívola de seu aspecto, a muitos de seus ouvintes, que o haviam imaginado algo assim como um profeta. E quando então começou a falar e, à guisa de introdução, endereçou aos ouvintes palavras lisonjeiras, agradecendo-lhes por terem comparecido em tão grande número, nesse exato momento o Lobo da Estepe me lançou um olhar instantâneo, um olhar de crítica àquelas palavras e a toda a pessoa do conferencista, oh!, um olhar inesquecível e tremendo, sobre cuja significação poder-se-ia escrever um livro inteiro! O olhar não apenas criticava o

orador e destruía a celebridade daquele homem com sua ironia esmagadora embora delicada; não, isso era o de menos. Havia naquele olhar um tanto mais de tristeza que de ironia; era na verdade um olhar profundo e desesperadamente triste, com o qual traduzia um desespero calado, de certo modo irremediável e definitivo, que já se transformara em hábito e forma. Não só transverberava com sua desesperada claridade a pessoa do vaidoso orador, ironizava e punha em evidência a situação do momento, a expectativa e a disposição do público e o título um tanto pretensioso da anunciada conferência — não, o olhar do Lobo da Estepe penetrava todo o nosso tempo, toda a afetação, toda a ambição, toda a vaidade, todo o jogo superficial de uma espiritualidade fabricada e frívola. Ah! lamentavelmente, o olhar ia mais fundo ainda, ia além das simples imperfeições e desesperanças de nosso tempo, de nossa espiritualidade, de nossa cultura. Chegava ao coração de toda a humanidade; expressava, num único segundo, toda a dúvida de um pensador, talvez a de um conhecedor da dignidade e, sobretudo, do sentido da vida humana. Esse olhar dizia: “Veja os macacos que somos! Veja o que é o homem!” E toda a celebridade, toda a inteligência, toda a conquista do espírito, todo o afã para alcançar a sublimidade, a grandeza e o duradouro do humano se esboroavam de repente e não passavam de frívolos trejeitos!

Com isso acabei me antecipando demasiadamente e, contra meu propósito e desejo, vim a dizer o essencial que pretendia sobre Haller, quando, na verdade, era minha intenção revelar aos poucos sua imagem, à medida que fosse relatando o paulatino conhecimento que tive a seu respeito.

Mas, já que me adiantei tanto, poupo-me agora de falar mais extensamente sobre a enigmática “estranheza” de Haller e de relatar como pressenti e fui gradativamente conhecendo

os fundamentos e a significação daquela estranheza, daquele descomunal e terrível isolamento. Assim é melhor, pois quero deixar à parte, tanto quanto possível, minha própria personalidade. Não desejo expor meus conhecimentos, nem escrever uma novela, nem desenvolver uma tese psicológica, mas simplesmente, como testemunha, contribuir com algo para a imagem do homem singular que estes manuscritos do Lobo da Estepe nos deixaram esboçada.

Já desde o primeiro olhar, ao entrar pela porta envidraçada da casa de minha tia, quando ergueu a cabeça à semelhança de um pássaro e aspirou o agradável odor do recinto, de certo modo pressenti a singularidade daquele homem, e minha primeira reação a tudo aquilo foi de repugnância. Tive a impressão (e minha tia, que ao contrário de mim não é, de modo algum, uma intelectual, teve quase que a mesma impressão) de que o homem estava enfermo, de que sofria de uma espécie qualquer de enfermidade, da alma, do espírito ou do caráter, e me defendi contra tudo isso com meu instinto de pessoa sã. Essa resistência, com o correr do tempo, foi-se transformando em simpatia, em compaixão para com aquele profundo e permanente sofredor, cujo isolamento e cuja morte íntima eu contemplava. Nesse decurso, cada vez mais me convencia de que a enfermidade daquele paciente não provinha de qualquer deficiência de sua natureza, mas, ao contrário, tão somente da não lograda harmonia entre a riqueza de seus dons e sua força. Convenci-me de que Haller era um gênio do sofrimento; que ele, no sentido das várias acepções de Nietzsche, havia forjado dentro de si uma capacidade de sofrimento genial, ilimitada e terrível. Também me apercebi de que a base de seu pessimismo não era o desprezo do mundo, mas antes o desprezo de si mesmo, pois, podendo falar sem indulgência e impiedosamente

das instituições e das pessoas, nunca excluía a si próprio; era sempre o primeiro a quem dirigia suas setas, o primeiro a quem odiava e desprezava.

Devo acrescentar aqui uma observação psicológica: embora saiba muito pouco sobre a vida do Lobo da Estepe, tenho bons motivos para acreditar que foi educado por pais e professores bondosos, porém severos e muito devotos, desses que fundamentam toda a educação no “quebrantamento da vontade”. Tal destruição da personalidade e quebra do desejo não foram conseguidas com aquele aluno, de cuja prova saiu mais insensível e duro, orgulhoso e espiritual. Em vez de ter sua personalidade destruída, ele conseguiu aprender somente a odiar a si mesmo. Contra si próprio, contra esse objeto nobre e inocente, dirigiu a vida inteira toda a genialidade de sua fantasia, toda a força de seu poderoso pensamento. Foi precisamente através do Cristo e dos mártires que aprendeu a lançar contra si próprio, antes de mais nada, cada severidade, cada censura, cada maldade, cada ódio de que era capaz. No que respeitava aos outros, ao mundo em redor, sempre estava fazendo os esforços mais heroicos e sérios para amá-los, para ser justo com eles, para não o fazer sofrer, pois o “Amarás teu próximo!” estava tão entranhado em sua alma como o odiar-se a si mesmo; assim, toda a sua vida era um exemplo do impossível que é amar o próximo sem amar a si mesmo, de que o desprezo a si mesmo é em tudo semelhante ao acirrado egoísmo e produz, afinal, o mesmo desespero e horrível isolamento.

Mas já é tempo de deixar à parte os meus pensamentos e falar de fatos reais. O que primeiro descobri sobre Haller — parte por meio de minha espionagem, parte pelas observações de minha tia — dizia respeito ao seu sistema de vida. Era fácil perceber que se tratava de um pensador e de um homem chegado aos livros, que não exercia qualquer emprego ou ocupação.

Permanecia muito tempo deitado; não raro só se levantava por volta do meio-dia e passava em traje de dormir de seu quarto à sala de estar. Este cômodo, uma espaçosa e agradável mansarda com duas janelas, tinha agora uma aparência bem diversa daquela do tempo de outros hóspedes. Com o passar dos dias, tornava-se cada vez mais cheio de objetos. Das paredes pendiam estampas, desenhos, fotografias recortadas de revistas, que eram frequentemente substituídas por outras. Uma paisagem do Sul, fotografias de uma cidade alemã do interior, seguramente a terra de Haller, lá estavam pregadas à parede; aquarelas coloridas e luminosas, que, viemos a saber mais tarde, ele próprio havia pintado. Em seguida, a fotografia de uma bela e jovem senhora, ou antes, de uma moça. Por algum tempo, um buda siamês esteve pregado à parede; depois foi substituído por uma reprodução da *Noite*, de Michelangelo, e mais tarde por um retrato do Mahatma Gandhi. Os livros não só enchiam as estantes como também se amontoavam em toda parte, sobre a mesa, a linda e antiga escrivaninha, sobre o divã, as cadeiras, em volta do chão; livros tendo entre as páginas marcas de papel, que constantemente mudavam de lugar; quantidades que aumentavam sempre, pois o homem não só os trazia em quantidade das bibliotecas, como também os recebia em grandes pacotes pelo correio. O ocupante daquele quarto devia ser um erudito; com isso concertavam bem o cheiro de cigarro que impregnava todo o ambiente e as pontas caídas no chão e cinzeiros espalhados por todo lado. Entretanto a maior parte dos livros não era de conteúdo científico, eram obras de poetas de todos os tempos e países. Permaneceram demoradamente sobre o divã, em que Haller passava o dia deitado, todos os seis grossos volumes de uma obra intitulada *Viagem de Sofia, de Memel à Saxônia*, aparecida nos fins do século XVIII. Uma edição das obras completas de

Goethe e outra das de Jean-Paul pareciam bastante manuseadas, bem como as de Novalis, Lessing, Jacobi e Lichtenberg. Alguns volumes de Dostoiévski achavam-se cheios de papeletas anotadas. Sobre a grande mesa, entre os muitos livros e revistas, havia frequentemente um vaso de flores; e sempre estava também por ali uma caixa de aquarelas coberta de pó, mais cinzeiros e — para não deixar sem menção — por toda parte garrafas de bebida. Uma delas, recoberta de palha, estava frequentemente cheia com vinho tinto italiano, que ele adquiria numa taberna das vizinhanças; às vezes, achava-se ali também uma garrafa de borgonha ou de Málaga, e vi desaparecer em tempo bastante reduzido quase todo o conteúdo de um grande frasco de *kirsh*, que depois foi afastado para um canto da sala, onde se cobriu de poeira, sem que o restante chegasse ao fim.

Não quero justificar-me da espionagem, e devo confessar que, nos primeiros tempos, todos esses sinais de uma vida repleta de interesses espirituais, porém dissipada e desordenada ao mesmo tempo, me causavam horror e desconfiança. Não sou apenas um burguês que vive polidamente acostumado ao seu trabalho e com seu tempo bem dividido, mas ainda um abstinente e uma pessoa que não fuma, daí aquelas garrafas no quarto de Haller me agradarem ainda menos do que o resto de sua desordem espiritual.

Tão irregular quanto ao sono e ao trabalho era o estranho em relação às suas comidas e bebidas. Havia muitos dias em que não saía e não tomava outra coisa senão o café da manhã; com frequência, minha tia encontrava como único resto de suas refeições uma casca de banana; outras vezes, entretanto, ia comer em restaurantes, algumas em lugares elegantes e caros, outras em tabernas dos subúrbios. Sua saúde não parecia muito boa; além do entorpecimento das pernas, que não raro lhe impedia de subir as escadas com facilidade, parecia sofrer

de outros males, e certa vez disse, casualmente, que havia anos não digerira nem dormia bem. Atribuí isso, antes de mais nada, à bebida. Mais tarde, quando o acompanhei em algumas ocasiões aos seus pontos de bebida, presenciei a maneira como bebia rapidamente e com prazer, embora nem eu nem outrem o tivéssemos visto alguma vez inteiramente embriagado.

Nunca me esquecerei de nosso primeiro encontro pessoal. Conhecíamos-nos apenas como vizinhos de quarto da mesma hospedaria. Uma tarde, ao regressar do trabalho, encontrei, para minha surpresa, o Sr. Haller sentado no patamar da escada, entre o primeiro e o segundo andar; como estivesse sentado no último degrau da escada, afastou-se um pouco para o lado a fim de deixar-me passar. Perguntei-lhe se não se sentia bem e ofereci-me para acompanhá-lo até lá em cima.

Haller fitou-me e compreendi que o havia despertado de uma espécie de transe. Começou a sorrir lentamente, com aquele seu riso belo e triste que tantas vezes me enchera de amargura o coração, convidando-me em seguida a sentar-me ao seu lado. Agradei e disse-lhe que não costumava sentar-me na escada por onde deviam passar os outros moradores.

— Ah! Sim — disse, e sorriu mais acentuadamente. — O senhor tem razão. Mas espere um momento, pois quero dizer-lhe por que tive de ficar aqui sentado um pouco.

E, assim dizendo, apontou o saguão do prédio, no primeiro andar, onde morava uma viúva. No pequeno espaço taqueado entre a escada, a janela e a porta de vidro havia, junto à parede, um grande armário de mogno, com ornatos de cobre, e diante dele, em suportes baixos, duas plantas em grandes vasos: uma azaleia e um pinheirinho. As plantas eram muito bonitas e estavam sempre muito bem-cuidadas e irrepreensivelmente limpas, o que também a mim já havia chamado a atenção.

— Veja o senhor — continuou Haller. — Esse pequeno saguão, com o pinheirinho, exala um odor tão prodigioso que não consigo passar por aqui sem me deter um pouco. A casa da senhora sua tia recende ao asseio e à limpeza mais extremados, porém o saguão do pinheirinho vive tão brilhantemente limpo, tão encerado, tão isento de pó que chega a resplandecer perturbadoramente. Sou levado a respirar a plenos pulmões. O senhor não sente esse odor? O odor da cera do assoalho, em que há reminiscências de terebintina juntamente com o cheiro do mogno, as folhas das plantas irrigadas e tudo mais, recorda um aroma de superlativo asseio burguês, de cuidado e precisão, de cumprimento das obrigações e fidelidade às mínimas coisas. Não sei quem mora naquele andar, mas por trás daquela porta de vidro deve existir um paraíso de limpeza e imaculada civildade, de ordem e firme apego a pequenos hábitos e deveres.

Como eu me calasse, prosseguiu:

— Por favor, não creia que eu fale com ironia! Meu caro senhor, nada mais longe de minha intenção que zombar dessa ordem e desses pequenos hábitos. É bem verdade que vivo num mundo bem diverso desse, e talvez não esteja em condições de viver um dia que seja num quarto com tal pinheirinho. Mas, ainda que não passe de um velho e arredio Lobo da Estepe, também nasci de uma mulher, e minha mãe era uma senhora burguesa, que cultivava flores, cuidava dos quartos, escadas, móveis e cortinas, e se esforçava para dar, à sua casa e à sua vida, toda a ordem e o asseio possíveis. A essência da terebintina e o pinheirinho me fazem lembrar tudo isso, daí por que me sento de vez em quando a contemplar esse pequeno jardim da ordem e me alegro de que ainda existam coisas assim.

Quis levantar-se, mas, como lhe custasse algum trabalho, não objetou quando me dispus a ajudá-lo. Permaneci silencioso,

mas deixando-me levar, como antes acontecera à minha tia, por um certo poder de sedução que o estranho homem às vezes costumava exercer. Lentamente, subimos a escada juntos, e ao chegarmos à porta de seu quarto, já com a chave na mão, olhou-me de novo nos olhos, muito amavelmente, dizendo:

— O senhor está vindo do trabalho? É verdade que disso nada entendo; vivo um tanto à margem, o senhor compreende... Mas creio que também lhe interessem os livros e coisas assim; sua tia me disse que o senhor completou seus estudos e que era um bom estudante de grego. Esta manhã encontrei uma frase em Novalis... Permita-me que lhe mostre? O senhor também há de gostar de vê-la.

Fez-me entrar no quarto, que recendia a forte cheiro de tabaco, tirou um livro de uma pilha deles, folheou-o à procura.

— Esta aqui também é boa, muito boa — disse. — Veja só esta frase: “O homem devia orgulhar-se da dor; toda dor é uma manifestação de nossa elevada estirpe.” Magnífico! Oitenta anos antes de Nietzsche! Mas não é esta a passagem que eu pensava mostrar-lhe... Espere, aqui está. Ouça: “A maioria dos homens não quer nadar antes que o possa fazer.” Não é engraçado? Naturalmente, não querem nadar. Nasceram para andar na terra e não para a água. E, naturalmente, não querem pensar: foram criados para viver e não para pensar! Isto mesmo! E quem pensa, quem faz do pensamento sua principal atividade, pode chegar muito longe com isso, mas sem dúvida estará confundindo a terra com a água, e um dia morrerá afogado.

Eu estava fascinado e cheio de interesse, e fiquei mais um pouco em sua companhia; desde então, passamos a falar-nos com frequência sempre que nos encontrávamos na escada ou na rua. Em tais ocasiões, a princípio sempre tinha a impressão de que ele me ironizava. Mas não era isso. Tinha por mim um

verdadeiro respeito, da mesma forma como tinha pelo pinheirinho. Estava tão convicto e consciente de seu isolamento, de seu nadar sobre a água, do seu desarraigamento, que era capaz de entusiasmar-se realmente e sem o menor sarcasmo ao contemplar qualquer ato habitual da vida burguesa, como por exemplo a pontualidade com que eu ia para o escritório ou uma expressão que ouvira por acaso de algum mensageiro ou de um condutor de bonde. A princípio, isso me pareceu ridículo e exagerado, a afetação de um senhor ocioso, um sentimentalismo teatral. Mas cada vez mais pude ver que, na realidade, nosso pequeno mundo burguês era querido e admirado lá da distância de seu espaço vazio, da sua estranheza e da sua condição de lobo, como algo sólido e seguro, como algo distante e inatingível para ele, como o lar e a paz, aos quais nenhum caminho o poderia levar. Tirava o chapéu com todo o respeito diante de nossa empregada, uma excelente mulher, e quando minha tia alguma vez conversava com ele ou chamava sua atenção para a necessidade de qualquer reparo em sua roupa, algum botão que lhe caíra do casaco, ele a ouvia com atenciosa consideração e interesse, como se fizesse um esforço inaudito e desesperado para penetrar por uma fresta qualquer neste nosso pequeno mundo pacífico e ter ali sua morada, ainda que fosse por um momento apenas.

Já naquela primeira conversa sobre o pinheirinho, chamou-se a si próprio de Lobo da Estepe, e isso também me causou estranheza e perturbou um pouco. Que expressão aquela! Mas acabei por admiti-la não só por hábito, como também porque, em meu pensamento, só chamava o homem por aquele apelido de Lobo da Estepe, e ainda hoje não saberia dar-lhe nenhum outro mais apropriado do que esse. Um lobo da estepe, perdido em meio à gente, à cidade e à vida do rebanho — nenhum outro

epíteto poderia definir com mais exatidão aquele ser, seu tímido isolamento, sua natureza selvagem, sua inquietude, seu doloroso anseio por um lar, sua falta absoluta de um lar.

Certa vez, pude observá-lo durante toda uma noite, num concerto sinfônico, onde, para minha surpresa, vi-o sentar-se num lugar próximo ao meu, sem que desse pela minha presença. Em primeiro lugar, executaram uma magnífica e bela composição de Händel, mas o Lobo da Estepe estava sentado, mergulhado em si mesmo, sem conexão alguma com a música, nem com as coisas que o cercavam. Distanciado, solitário e estranho, com um olhar frio porém cheio de preocupação, permanecia de olhos baixos. Logo veio outra peça, uma pequena sinfonia de Friedemann Bach, e me surpreendi ao ver como logo aos primeiros compassos o meu estranho companheiro começou a sorrir e a entregar-se no fundo de si mesmo, parecendo, durante mais de dez minutos, tão felizmente extasiado e perdido em um sonho agradável que passei a prestar mais atenção a ele do que à música. Quando a peça estava terminando, despertou do êxtase, sentou-se mais corretamente, fez menção de levantar-se e parecia querer retirar-se, mas permaneceu ainda sentado e ouviu a última peça, que eram as *Variações* de Reger, música que muitos consideraram um tanto longa e fastidiosa. E também o Lobo da Estepe, que a princípio ouvia atentamente e de bom grado, logo distraiu-se, meteu as mãos nos bolsos e mergulhou de novo em si mesmo, mas desta vez não parecia feliz e sonhador, antes triste e insatisfeito; o semblante voltou a ser distante, pálido e apagado. Parecia velho, enfermo e descontente.

Depois do concerto, voltei a encontrá-lo na rua e caminhei atrás dele; escondido em seu casacão, caminhava como cansado e sem vontade em direção a nossa casa, mas deteve-se antes numa pequena e velha hospedaria, consultou indeciso o relógio

e acabou por entrar. Cedi a um capricho momentâneo e entrei também. Sentara-se a uma mesa modestíssima, e a hospedeira e as moças que serviam cumprimentaram-no como a um dos clientes habituais, no que eu o cumprimentei também e me sentei a seu lado. Lá ficamos uma hora, enquanto bebi alguns copos de água mineral e ele emborcou meio litro de vinho tinto e logo mais outro quarto de litro. Disse-lhe que havia estado no concerto, mas ele não fez caso. Leu o rótulo da garrafa de minha água mineral e perguntou-me se não queria beber vinho, insistindo no convite. Quando soube que eu não bebia qualquer espécie de vinho, voltou a olhar-me com aquela sua expressão de abandono e disse:

— Sim, o senhor tem razão. Eu também fui abstêmio durante muitos anos e também jejei por muito tempo, mas agora estou de novo sob o signo de Aquário, um signo escuro e úmido.

E quando eu, pilheriando, tomei a alusão ao pé da letra e fiz-lhe notar como me parecia inverossímil que precisamente ele acreditasse em astrologia, aí então voltou a empregar seu tom cortês que tanto me desagradava, dizendo:

— O senhor está certo; lamentavelmente, também nessa ciência eu não creio.

Levantei-me e despedi-me; ele voltou para casa tarde da noite, mas seu passo era o de hábito, e, como sempre, não se deitou logo em seguida (como seu vizinho de quarto, era-me fácil ouvi-lo), ficando seguramente por uma hora com a luz acesa.

Também nunca me esqueci de uma outra noite. Eu estava sozinho em casa, minha tia havia saído, e chamaram à porta. Quando abri, apareceu no umbral uma senhora jovem e bonita, e ao perguntar-me pelo Sr. Haller logo a reconheci: era a da fotografia que estava em seu quarto. Indiquei-lhe a porta e retirei-me. Ela permaneceu lá em cima um pouco, mas logo depois ouvi os dois descerem as escadas e saírem, animados e

alegres, entretendo uma conversação jocosa. Eu estava muito admirado de que o taciturno tivesse uma amante tão jovem, tão elegante e bela, e todas as minhas suposições sobre ele e sua vida voltaram a cobrir-se de dúvidas. Entretanto, cerca de uma hora mais tarde, voltou de novo para casa, sozinho, com seu caminhar pesado e triste, subiu dolorosamente a escada e ficou andando horas e horas em seu quarto, com passo leve e furtivo, exatamente como um lobo em sua jaula. Durante toda a noite até quase de manhã havia luz em seu quarto.

Nada sei sobre suas relações, e desejo acrescentar apenas que voltei a vê-lo ainda uma vez mais com aquela mulher, numa rua da cidade. Iam de braço, e ele parecia feliz; e surpreendi-me de ver quanta graça e até mesmo infantilidade podia ocasionalmente expressar seu semblante, de hábito preocupado e solitário; compreendi a mulher e compreendi também o interesse que minha tia demonstrava por esse homem. Mas, também naquele dia, regressou à noite, triste e de maneira lastimosa. Encontrei-o à porta da casa, trazendo embaixo do sobretudo uma garrafa de vinho, e com ela passou até além da meia-noite sentado em seu tugúrio. Causou-me pena. Que vida desconsolada, perdida e inútil a que levava!

Bem, já falamos bastante. Não são necessários mais informes nem descrições para demonstrar que o Lobo da Estepe levava uma vida de suicida. Contudo, não creio que ele tenha dado fim à vida, mesmo depois que, inesperadamente e sem se despedir, mas após pagar o que devia, abandonou nossa cidade e desapareceu. Nunca mais tivemos notícias dele e conservamos ainda algumas cartas que lhe chegaram após sua partida. Nada mais deixou senão o manuscrito que escreveu durante sua permanência, o qual me dedicou em poucas linhas com a observação de que eu poderia dele dispor da maneira que melhor entendesse.

Não me foi possível comprovar quanto de veracidade existe nos fatos de que trata o manuscrito de Haller. Não duvido de que sejam fictícios em sua maior parte, não no sentido de uma espontânea invenção, mas no sentido de uma procura de exprimir-se, de expressar uma anterior atividade anímica, profundamente vivida, com a roupagem de acontecimentos verossímeis. Os acontecimentos, em parte fantásticos, da ficção de Haller situam-se provavelmente nos últimos tempos de sua permanência conosco, e não duvido de que haja neles boa dose de fatos reais exteriores. Naquele tempo, nosso hóspede tinha de fato uma conduta e um aspecto diferentes, permanecia por muito tempo fora de casa, às vezes durante toda a noite, e não tocava nos livros. As poucas vezes em que o encontrei pareceu-me surpreendentemente vivo e rejuvenescido, e às vezes até mesmo feliz.

É verdade que logo se lhe seguia uma nova depressão, que o prostrava o dia todo na cama, sem querer comer; naquele tempo, teve também uma discussão, extraordinariamente violenta e até mesmo brutal, com a amante, que voltara a aparecer — discussão que repercutiu por toda a casa, e de que Haller, no dia seguinte, pediu desculpas a minha tia.

Não, estou seguro de que não terá posto fim à vida. Continua vivendo; em algum lugar estará subindo e descendo escadas de casas estranhas com suas pernas cansadas, estará olhando fixamente em qualquer parte um assoalho encerado e um pinheirinho bem-cuidado, estará sentado durante o dia nas bibliotecas e, de noite, nas tabernas ou jazerá estendido sobre um sofá alugado, ouvindo viver por trás das janelas o mundo e os homens, dos quais se sente excluído, mas não se mata porque um resquício de fé lhe diz que esse sofrimento, essa triste dor terá de ser sorvida até o fim em seu coração e

que desse sofrimento é que lhe virá a morte. Penso muito nele. Não me tornou a vida mais suave, não teve o dom de criar e aumentar em mim a fortaleza e a alegria, oh!, não, muito ao contrário! Contudo, não sou ele, nem levo seu tipo de vida, mas a minha, uma vida medíocre e burguesa, porém segura e cheia de obrigações. E assim podemos pensar na dele, minha tia e eu, com calma e amizade, ela que saberia falar mais a seu respeito do que eu, porém tudo o que sabe permanece oculto em seu bondoso coração.

No que diz respeito às anotações de Haller, essas fantasias maravilhosas, às vezes doentias, às vezes cheias de profundidade, devo dizer que, se essas páginas tivessem caído às minhas mãos por acaso e eu não lhes conhecesse o autor, certamente que as teria posto fora, decepcionado. Mas, devido ao meu conhecimento com Haller, tornou-se-me possível compreendê-las em parte e até mesmo aprová-las. Hesitaria em transmiti-las a outrem se nelas visse apenas as fantasias mórbidas de um pobre e solitário doente do espírito. Mas nelas vejo algo mais: um documento da época, pois a enfermidade anímica de Haller é, hoje o percebo, não o capricho de um solitário, mas a enfermidade do próprio tempo, a neurose daquela geração a que pertencia Haller, neurose que não atacava em absoluto os débeis e insignificantes, mas precisamente os fortes, os mais espirituais, os mais fortes.

Essas anotações — e é indiferente saber se nelas existe uma grande ou pequena dose de realidade — são uma procura não de vencer a enfermidade da época com rodeios ou paliativos, mas um intento de converter a própria doença em objeto de interpretação. Significam, literalmente, uma jornada pelo inferno, uma caminhada algumas vezes angustiosa, outras cheia de

entusiasmo através do caos de um mundo anímico tenebroso, caminho percorrido com a vontade de atravessar o inferno, de oferecer a face ao caos, de padecer o mal até o fim.

Uma palavra de Haller deu-me a chave dessa compreensão. Disse-me ele, certa vez, quando falávamos a propósito das chamadas crueldades da Idade Média:

— Tais horrores na verdade não existiram. Um homem da Idade Média condenaria totalmente nosso estilo de vida atual como algo muito mais cruel, terrível e bárbaro. Cada época, cada cultura, cada costume e tradição têm seu próprio estilo, têm sua delicadeza e sua severidade, suas belezas e crueldades, aceitam certos sofrimentos como naturais, sofrem pacientemente certas desgraças. O verdadeiro sofrimento, o verdadeiro inferno da vida humana reside ali onde se chocam duas culturas ou duas religiões. Um homem da Antiguidade, que tivesse de viver na Idade Média, haveria de sentir-se tão afogado quanto um selvagem se sentiria em nossa civilização. Há momentos em que toda uma geração cai entre dois estilos de vida, e toda evidência, toda moral, toda salvação e inocência ficam perdidas para ela. Naturalmente, isso não atinge a todos da mesma maneira. Uma natureza como a de Nietzsche teve de sofrer a miséria da época atual há mais de uma geração antes da nossa; tudo quanto teve de suportar sozinho e incompreendido é o mesmo de que hoje padecem milhares de seres humanos.

Lendo as notas de Haller, meditei muitas vezes nessas palavras. Haller pertence àqueles que se comprimem entre duas épocas, que vivem à margem de toda segurança e inocência, àqueles cujo destino é sofrer toda a incerteza do destino humano agravada como um tormento e um inferno pessoais.

Nisso, segundo me parece, consiste o sentido que possam ter para nós suas anotações, e por isso me decidi a publicá-las. Quanto ao mais, não quero defendê-las nem condená-las. Que o leitor o faça segundo sua própria consciência!